

Vol. II - N.º 74
Janeiro de 1932
Preço 1 Escudo

reportagem



**Semanário
das grandes reportagens**



**NESTE
NÚMERO**

**ALMAS QUE
VOLTAM À
TERRA**

"O ESCONDIDINHO"

Acaba de mudar as suas instalações para a mesma RUA DE PASSOS MANOEL, N.º 144

Luxo, conforto e bom gosto

O Restaurante preferido das Elites, pelo seu inigualável serviço, pelo seu requintado aconchego e pelos mais saborosos pitões que são o prémio dos felizes mortais que têm a dita de visitar o novo

"ESCONDIDINHO"

Quem vai ao Porto e não vai ao «ESCONDIDINHO» não sabe o que : : : é comer bem : : :

RUA PASSOS MANOEL, 144

PORTO

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Séde--LISBOA

FILIAIS:

Porto, Braga, Coimbra, Chaves, Viana do Castelo e Vizeu

Agencia na Régua

End. telegráfico — OTTOS

Representante em Portugal
do Banco Português do Brasil

FLOR DO JAPÃO

DE

DAVID LEANDRO

Casa especial
de chá e café

Torrefação de café pelo sistema de ar quente

A melhor casa
no género

59-RUA DA SOFIA-63

COIMBRA

FIGUEIRÔA REGO, Ltd.

CASA FUNDADA EM 1845

Casa especialista em OLEADOS para chão e passadeiras. Papeis pifados. Tapetes, Carpetes, Stores e mais artigos da especialidade

A CASA MAIS ANTIGA NO GÉNERO

PEDIMOS CONFRONTEM NOSSOS PREÇOS E QUALIDADES

TELEF. 25379

RUA DA PRATA, 209-213

Café Restaurant Royal

Ramona Rodriguez Perez

SUCESSORA DE
JOSÉ BLANCO RODRIGUEZ

Mesa redonda e serviço por lista. — Service à la carte et à prix fixe

Café "Express" ❁ Gabinetes de luxo ❁ Esplêndida terrasse

Tabacos, Jornais, Romances, Ilustrações estrangeiras,
Cartões postais e «Souvenirs» de Lisboa

15, Praça Duque da Terceira, 17

TELEFONE 2 2245

Homens & Factos do Dia

Pretos e Brancos

AQUELE antigo ódio de raça que ainda há bem poucos anos punha entre pretos e brancos, na América do Norte, uma barreira intransponível, começa agora a dar de si, a oscilar, anunciando para breve a sua queda.

É certo que em alguns Estados do Sul, principalmente, ainda se queimam pretos na praça pública por se terem atrevido a aspirar ao amor de mulheres brancas; que a bárbara lei de Linc ainda atinge por ano algumas dezenas de coload men, mas apesar destas dolorosas e cruéis manifestações de desprezo e de rancor de uma raça por outra, o certo é que aparecem outros indícios na vida pública dos Estados Unidos que nos fazem prever para um futuro não muito longínquo a queda de um preconceito intolerável e o advento de uma nova era de fraternidade humana.

O preto começa a viver, sobretudo nos Estados do Norte, uma existência mais tolerável e a vê-se igualado ao branco em certos direitos absolutamente legítimos. Já os veículos públicos não ostentam, como antigamente, lugares para negros separados dos brancos; já não são impedidos os pretos de transitar pelos mesmos lugares públicos onde os homens de epiderme clara transitam e as escolas superiores e universidades abriram, finalmente, as suas portas à gente de cor. Entre brancos e negros principia a haver, portanto, uma maior comunidade de interesses, uma mais estreita solidariedade, provenientes de uma mais franca e fraterna convivência. Se o preconceito que dividia as duas raças, que deveriam estimar-se como irmãs, em duas alas inimigas ainda não se extinguiu de todo, tudo leva a crer que não muito longe virá o dia em que o ódio de raças passará a ser apenas uma triste recordação.

Há dias, um grande jornal defensor da causa negra na América, a propósito da crise económica que aquele país, como todo o mundo, está atravessando, fazia umas considerações curiosas que interessam também às nações que possuem colónias.

A raça negra representa dez por cento de toda a população norte-americana, mas a sua capacidade de compra, isto é, as suas possibilidades económicas em relação à raça branca, atingem apenas a cifra insignificante de um por cento. O referido jornal argumentava, e com razão, que era preciso colocar a raça negra em condições de poder atingir a mesma capacidade de compra que a branca. E tal estado de coisas que muito contribuiria para a resolução da crise económica só se atingiria desde que se desse ao negro as mesmas regalias e direitos que o branco usufrue; que não se pagasse ao preto — só porque é preto — salários e ordenados inferiores ao branco, isto é, elevando-o até ao nível da civilização geral.

Ora, este critério pôde aplicar-se perfeitamente à população das nossas colónias.

Imaginal os benefícios de ordem económica — e não queremos mencionar os de ordem moral — que adviriam da elevação das populações semi-selvagens das nossas colónias a uma civilização superior. Ganhando melhor e criando tantas necessidades de consumo como o branco civilizado, o negro traria ao mundo benefícios de valor incalculável.

Há, porém, brancos pseudo-civilizados que

não entendem as coisas por este modo, a um tempo justo e prático, e ainda defendem a teoria absurda de se privar o preto do menor contacto com o branco, que, pela convivência, lhe pôde emprestar hábitos de civilização.

M. D.

Contra os caluniadores!

Como não há pior cego do que aquele que não quer vêr, sobretudo quando essa cegueira é a vinda do ódio mesquinho; como a clareza luminosa do artigo brilhantíssimo que Mário Domingues publicou no editorial do nosso último número não bastou para os que só têm sensibilidade quando recebem no estômago um «directo» do Dempsey, sou obrigado a dilatar a uma expressão de cariz o que nesse artigo se provou e se disse:

Primeiro: Que o «Reporter X»-jornal e o «Reporter X»-homem, ou seja o jornalista Reinaldo Ferreira que dirige este semanário e que usa aquele pseudónimo, nunca tiveram, nem agora, nem antes, nem directa, nem indirectamente, nem por vaga suspeita, nem por vaga insinuação, a menor questão com a Justiça, nem mesmo as que provêm de incidentes vulgares e muito menos das que podem pôr em dúvida a honra de homem e de jornalista.

Segundo: Que se destacámos no último número as afirmações lisonjeiras que o próprio advogado de acusação de um processo (que não tinha outras ligações com este jornal e este jornalista do que um facto sentimental e involuntário de parentesco) fez, foi, precisamente, para quebrar os dentes à calúnia que pretendia confundir a verdade com a mentira.

Terceiro: Que eu, Reinaldo Ferreira, director do «Reporter X», e usando como pseudónimo esse mesmo nome, desasfo e ofereço as colunas do meu jornal

O JOGO...



— Ricardo, Ricardo, tua mulher caiu ao mar!
— Entretem-na um pouco, enquanto acabo esta partida...

(De «Le Rire», Paris)

à pessoa que provar que o meu jornal ou eu pessoalmente estivemos directa ou indirectamente implicados fôsse em que caso fôsse, com prejuizo da honra, ou que o meu nome ou o nome do meu jornal se encontrem presente em que escaninho da Justiça fôr, no presente ou no passado, com qualquer outro rótulo que não seja o de testemunha ou acusado de liberdade de imprensa.

Julgando não existir miopia possível que possa explicar a não compreensão destas afirmações bem nítidas e bem sonoras — fico aguardando a réplica dos caluniadores.

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Abd-el-Krim fugiu?

Das figuras mundiais representativas das aspirações de liberdade dos pequenos povos oprimidos, Abd-el-Krim, em Marrocos, é dos que mais assombrou o mundo com as suas audaciosas façanhas. Durante anos seguidos, esse marroquino aguerrido e hábil, que tinha todas as manhas e audácias da sua raça acrescidas de outras recebidas no seu longo contacto com os europeus, deu que fazer ao exército espanhol, contrariando as ambições imperialistas do país vizinho.

Foi preciso que a França e a Espanha se consertassem numa decisiva acção comum para que o herói rifenho perdesse a sua liberdade. Preso, manietado, viu, entretanto, que a França não o tratava como um aventureiro vulgar, mas como um vencido que soube lutar com lealdade e brio. Desterraram-no para a Ilha da Reunião, onde sofreu ate agora alguns anos de exílio, sonhando sempre com a libertação do povo que soube conduzir, por várias vezes, à vitória. Mas Abd-el-Krim, embora pertença à raça que criou as maravilhas fantásticas das «Mil e uma noites», era um homem de acção. No exílio, mais do que devaneios, êle acalentava no seu íntimo projectos e planos concretos. Parece que souu a hora de pô-los em execução, visto que se confirma a notícia da sua fuga para lugar incerto.

Que irá acontecer em Marrocos?

Reporter X

Este jornal mudou a sua Redacção e Administração para a Rua do Alecrim, n.º 61, nesta cidade, para onde deve ser enviada toda a correspondência e onde se tratam todos os assuntos de natureza redactorial e administrativa.

História do lobo que assalta o rebanho — Espectáculos guerreiros — A espoliação de uma província — Um «emir» esperto — Em favor do antigo rei — A ajuda disfarçada do governo do Afeganistão — O que dizem os Sovietes

HÁ dias demos a larga notícia, embora sob reserva, da morte do célebre coronel Lawrence, o homem endiabrado do «Intelligence Service». É costume esse agente diabólico da espionagem inglesa fazer-se, de quando em quando, passar por falecido para mais livremente se entregar às suas manobras secretas. A propósito da notícia da sua morte, nós, duvidando sempre, perguntávamos: «Teria realmente morrido o coronel Lawrence?» Um ou dois dias após essa notícia uma voz misteriosa estabelecia diálogo conosco através do fio telefónico e asseverava-nos que o coronel Lawrence não falecera. Mais tarde, por outra via, igualmente digna de crédito, tivemos notícias da sua existência e da sua actividade posterior à notícia da morte.

Ao coronel Lawrence poder-se-ia aplicar afoitamente a anedota do pastor que inúmeras vezes chamava em seu auxílio os outros pastores a fim de o coadjuvarem a afugentar os lobos que assaltavam o seu rebanho. Quando os outros corriam em seu auxílio, verificavam, desapontados, que o rebete fôra falso, não passava de brincadeira de mau gosto do pastor. Mas um dia — e dessa vez não era brincadeira — os lobos assaltaram o rebanho provocando enorme mortandade. Bem se fartou o pastor de clamar por socorro, mas pessoa alguma

A ressurreição do coronel Lawrence

correu em seu auxílio. Todos pensavam que se tratava da brincadeira do costume.

Parece-nos que o coronel Lawrence poderá morrer a valer, que o grande público, habituado a tantas mortes e ressurreições, já mais acreditará na sua morte.

Uma guerra no Afeganistão

As fronteiras do Afeganistão e da Rússia estão sendo actualmente teatro de curiosos acontecimentos. Uma verdadeira guerra se está desenrolando entre os Sovietes e os seus vizinhos afghans. É certo que oficialmente todo o mundo ignora essa guerra. As autoridades afghans fazem todo o possível para almar a opinião pública. As embaixadas europeias de Kabul observam também o mais profundo silêncio a esse respeito. E os diplomatas estrangeiros continuam a jogar o «golf» como de costume. No entanto, durante a noite, os «camions» carregados de soldados armados saem da cidade e dirigem-se para a fronteira russa, e já é um espectáculo banal ver-se tropas guerreiras orando ante a mesquita de Tinsur antes de marcharem para a frente russa.

Vejam os agora as causas das guerrilhas russo-afghans. Em 1920, os Sovietes destronaram o emir de Bukhara e incorporaram o seu território na província soviética de Usbeckhistan. O emir de Bukhara, um dos homens mais ricos de toda a Ásia e proprietário de um harem magnífico, não

gostou da brincadeira. Refugiou-se em Kabul, onde era hóspede do governo afghan. Durante algum tempo parecia resignar-se à perda do seu trono, vivendo a existência faustosa dos príncipes asiáticos. No entanto, clandestinamente, fazia intriga e urdia conspirações com o tácito consentimento do governo do Afeganistão. Como era possuidor de uma imensa fortuna, os seus manejos acabaram por surtir efeito. Os seus emissários, antigos oficiais do seu exército, avistaram-se com os chefes das tribus livres, que não tar-

daram em se colocar ao serviço da causa do emir. Há algumas semanas, precisamente em 22 de Junho, alguns chefes de tribus afghans penetraram, à frente das suas tropas, na província de Bukhara. Massacraram os guardas da fronteira e puseram-se em marcha para o interior do país, gritando: «Viva Bukhara livre! Abaixo o comunismo!»

A reacção dos Sovietes

Os Sovietes não deixaram de reagir. Um importante contingente de soldados russos foi imediatamente enviado para a fronteira, e a partir dessa data nunca mais deixaram de produzir-se escaramuças de certo vulto. Os combates têm sido sangrentos porque os afghans, muito fanáticos, batem-se com selvática coragem. Nestes últimos dias, o governo de Kabul enviou por seu turno um corpo de exército sob o pretexto de pacificar as tribus rebeldes. Mas, no fundo, esse corpo de exército constitui apenas um encapotado reforço dos comatriotas em luta...

Mas—preguntar-nos-ão os leitores—que terá o coronel Lawrence que ver com essa nova guerra — essa guerra disfarçada — que está semeando a desgraça e a morte numa fronteira do Oriente? Lembram-se de termos contado que o famoso «Fantasma Branco» conhece a fundo a política oriental e que nem mesmo fôra estranha às suas manobras a queda do rei Amanullah, que se afastara imprudentemente da política inglesa?

Sempre as proezas de Lawrence

Pois a legação soviética em Kabul acaba de fornecer uma versão interessante sobre as causas do ataque das tribus afghans. Segundo essa versão, a revolta não são estranhas as manobras do célebre coronel Lawrence do «Intelligence Service». É certo que correu o boato da sua morte; mas tal notícia não pode ser tomada a sério, dadas as vezes sem conto que dela se tem abusado. Após cada aventura de vulto, o coronel Lawrence tem o costume de se deixar morrer, para ressuscitar em seguida e continuar a sua actividade com outro nome. Assim, durante a guerra, depois de ter conseguido sublevar várias tribus árabes da Turquia contra os impérios centrais, morreu súbitamente. Isso não o impediu de fomentar em seguida a revolta dos reacçãoários afghans contra Amanullah, demasiado moderno e sobretudo demasiado independente perante a política inglesa. Ele conseguiu os seus intentos, visto que Amanullah foi destronado e que o actual governo afghan é mais favorável à Inglaterra. Depois desta aventura, Lawrence morreu mais uma vez e ressuscitou no preciso momento em que foi preciso revoltar os kurdos contra o governo de Angora. Anunciou-se ultimamente a sua morte «definitiva», mas é mais do que provável que tal notícia não passe de um disfarce dos manejos que tornaram possível a actual guerra nas fronteiras do Afeganistão.



Na fronteira russa travam-se combates

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

AL-**CA-
PO-**
NE é, como todas as americanas, uma obra sensacional. O seu nome vibra em todos os ouvidos, estende-se, elásticamente, a toda a largura dos maiores jornais do mundo, emocionam, gela os dorsos num *frisson* de *grand-guigno* l, discute-se como se discutiu Bismarck, ame-dronta como Guilherme II. Fóra da América, Al Capone é Rocambolé, de carne e ósso, «Fantômas» autêntico, com uma agravante: que ao contrário dos heróis de romances, doseados de simpatia pela conveniência dos autores, êste simboliza uma realidade tenebrosa, o crime mais forte que toda a organização social de um país — e de um país como os Estados Unidos! — e que pôde alastrar-se ou repetir-se em todos os países! Dentro da América, o caso é outro, muito outro. Até hoje, na Europa, em Portugal pelo menos, só se conhece o que tem apeteço dizer-se e o que se tem visto no exagero dos *films* ou nas *boutades* dos telegramas.

Mas eis que, súbitamente, o «Reporter X» enfrenta êsse gigante sangrento. Não é a primeira vez que focamos e trazemos para público detalhes inéditos, ramificações insuspeitadas — e até ligações pasmosas existentes entre êsse *truster* sinistro e o nosso país. Mas sempre que tratávamos de Al Capone limitávamos ao mínimo o espaço sob o vago pressentimento de que a verdade era outra, muito outra, e que um dia ela nos chegaria às mãos...

— Fôram sábias as nossas reservas. O nosso instinto raramente nos trai. Existe um português que os acasos de uma emocionante vida de aventuras honestas levaram à América, e que na América, sem transigências, sem o menor desvio da recta da sua própria honra, caiu nas graças de Al Capone... Mas... não nos precipitemos...

Al Capone, sabe-se, é italiano. Encontrou-se na América ao sabor daquela inesgotável corrente emigratória que espalha pelo mundo as multidões que transbordam de Itália. Se não [fosse a

lei sêca — Al Capone-Papão não seria possível. A lei sêca não só não dominou o alcoolismo como, lógicamente, o dilatou. Mais de dois terços dos americanos que não bebiam juntaram-se aos que já bebiam buscando por qualquer preço o *whisky*, o *champagne*, a cerveja, todos os vinhos, todos os licôres que ambicionam com sofreguidão. E como era proibido vendê-los; e como se criou uma polícia especial, numerosa e severíssima, para impedir o contrabando; e como o negócio, precisamente por ser perseguido, se tornou em maravilha, os que o fazem tiveram de lutar contra essa polícia, tornando-se, portanto, em... bandidos.

Al Capone foi o primeiro que organizou o *trust*... a sério — como quem funda um país, como um general que trava uma batalha. Os primeiros lucros (nos três primeiros anos ganhou cinco milhões de dólares) foram quasi todos queimados no subôno. Al Capone comprou deputados, senadores, comissários, detectives...

Havia uma percentagem de incorruptíveis que resistiam e que o combatiam — mas contra êsses lá estavam as brigadas de pistoleiros. A polícia atacava — os pistoleiros tomavam a ofensiva. Faziam-se prisões — os poderosos subornados impunham a sua liberdade. E tanto assim que, pesando sôbre Al Capone e o seu exército milhares de processos, êle continua a fazer uma vida de milionário, em palácios sumptuosos, dentro e fóra da cidade, e ganhando aos milhões nos seus negócios...

* * *

A tragédia do banditismo, em Chicago, dura, na maior intensidade, há sete anos. Al Capone tem a seu cargo três mil homens — entre oficiais e soldados rasos —, auxiliares elegantes e *apaches* da pior escória. Os piores inimigos de Al Capone não são o governo, que o ataca meio algemado

pelos subornos que o cercam, nem a polícia; são os que êle directamente fere, arrancando-lhes o sangue, os ricos que êle ameaça quando não cumprem as suas ordens... financeiras, as traições que êsses ricos conseguem obter nas suas próprias fileiras e que Al Capone castiga, intransigentemente, com a morte.

Se no ano de 1930 caíram nas ruas de Chicago perto de 1.000 pessoas, nas batalhas das ruas e em redor de Al Capone; se, dêsse milhar, 100 eram polícias e perto de 200 inimigos e rivais, os restantes foram traidores... executados.

* * *

Chicago vive numa inquietação contínua. Nas suas ruas centrais, às horas de maior animação, vê-se os transeuntes abalarem, espavoridos, e ouvir-se o ladrar irritante das pistolas e das metralhadoras. São os pistoleiros de Al Capone atacando um grupo de traidores, executando um inimigo ou defendendo-se da polícia. Quando os bandos partem, nos seus «autos» vertiginosos, o asfalto está juncado de cadáveres...

E contudo só agora a verdade nos



Uma execução dos «gangsters», que nunca perdôam

foi revelada — ao contrário do que era de supôr e que toda a Europa supunha. Al Capone está longe de ser uma figura impopular, um bandido odiado. O povo simpatiza com êle; as mulheres compram o seu retrato. Evocam-no por vezes como ídolo. Como conseguiu o maior bandido moderno êste paradoxal ambiente? E' que, para o povo, Al Capone só persegue, só prejudica, só rouba os ricos; e a grande parte do dinheiro que conquista nos seus negócios tenebrosos é dividido pelos pobres. E' um gesto sincero? E' um «truc» habilidoso? Eis o que o «Reporter X» vai revelar...

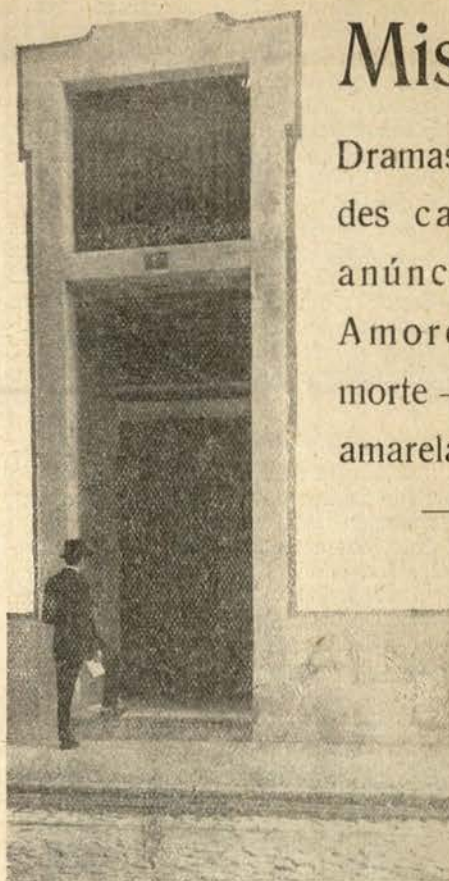
Existe em Chicago um «cabaret» fantástico, sonho das «Mil e uma noites»,

(Continua na pag. 13)

O SEGRÊDO DA POPULA- RIDADE DE AL CAPONE

Mistérios da Posta-Restante

Dramas subterrâneos das grandes capitais — Casamentos por anúncio — Negócios escuros — Amores ingénuos — Crimes de morte — A quadrilha das cartas amarelas — Espionagem de guerra — Uma arma traiçoeira



POSTA-Restante de Lisboa. Rua do Arsenal, uma rua congestionada de movimento — carroças, «camions», «eléctricos», automóveis, transeuntes cruzando-se em ondas fechadas. Entra-se aqui, por uma porta da esquerda, por uma porta que não nos diz coisa nenhuma, mas que nos reserva grandes surpresas...

Presentemente, a Posta-Restante está em obras. A parte reservada ao público está atapetada de pedaços de cal e poeira. Todos os *guichets* estão ocupados. Sucede o mesmo todos os dias, a todas as horas, desde manhã à noite. Aqui, uma mulher elegante pergunta se há correspondência para tal nome... (E abre um papel em que estão garatuja-das algumas letras.) Mais ali, um estrangeiro, corpulento, rosado, loiro — um alemão, pela certa —, mostra o seu passaporte, e recebe duas cartas. No *guichet* da direita estamos nós, olhando as entranhas da Posta-Restante. Compridas prateleiras, golpeadas de túmulos esguios: aqui, um monte de missivas; ali outro maior; ali, uma carta isolada, uma carta que veio para ali já alguns anos e ninguém procurou até hoje!...

Cartas de todo o mundo estão ali, aguardando destinatário. Cartas de anos, casamento em negociações... Cartas vindas do fim do mundo, de subterrâneos onde nenhuma Polícia pode pene-

trar, que se destinam a orientar quadrilhas de ratoneiros e de espíões de todos os países. Manda-se para a Posta-Restante o que não se quer que seja conhecido de mais ninguém a não ser de certa pessoa, de certo grupo... Ninguém desconfia da Posta-Restante, ninguém vê o alcance que ela tem como meio de transmissão de ordens e desejos obscuros... E, contudo, da Posta-Restante deve-se desconfiar ainda mais do que das mãos de um prestidigitador: pode sair uma carta inofensiva — uma pomba; e pode sair também uma carta perigosa, destinada a preparar uma revolução — a pistola que estava nas mãos do ilusionista que ninguém viu, que ninguém descobriu...

Ah! Se nós pudéssemos abrir os milhares de cartas que vemos na Posta-Restante! Quantos crimes, quantas negociações opacas, quantos bandidos não poderíamos desmascarar e quantas desgraças não conseguiríamos sustar, destruir!

E vem-nos à memória, numa rajada de sombras, o último grande crime da Posta-Restante de Lisboa. Descemos na cisterna do passado e quedamo-nos a quinze aons de distância do dia de hoje. Um dia de Outono, empapado em chuva, que envolve Lisboa numa redoma cinzenta e melancólica. Numa rua triste, à Graça, duas velhas — as irmãs Sampaio — são encontradas mortas e roubadas! E vem a saber-se o seguinte: As irmãs Sampaio, a-pesar-de muito ricas, viram passar os anos no mais completo silêncio afectivo. Resolvem conquistar maridos... Um anúncio... Cartas para a Posta-Restante... Dois irmãos, também solteiros, oferecem-se para as profissões de esposos... Todas as manhãs, as irmãs Sampaio vão à Posta-Restante buscar as epístolas amorosas... Um dia, deixam de aparecer. E é nesse mesmo dia que elas aparecem mortas e rou-

badas! Os dois irmãos, meliantes profissionais, quando elas lhes revelaram a sua direcção, puseram em acção rápida os seus planos, matando e roubando-as, e desaparecendo para sempre!...

Os manejos e os condutores da política de certas nações

«A Política Internacional e as Postas-Restantes» — eis o título de um grosso volume que seria possível escrever também sobre os manejos subtis e desconhecidos das grandes potências. Em dias de paz e em dias de guerra, nenhuma nação deixou até hoje de utilizar as Postas-Restantes das diversas capitais onde se instalem os seus misteriosos espíões, para lhes comunicar as ordens que devem comandar os seus planos...

Uma prova concreta, esmagadora, do que afirmamos: a época em que a Espanha consumiu centenas de vidas de soldados, para manter o seu protectorado de Marrocos. Ab-del-Krim é o terror da Espanha!... Presume-se que a sua resistência e os seus ataques estão sendo auxiliados, financeiramente, pela Rússia... Nessa altura, em Madrid, um cavaleiro russo aparece, duas vezes por semana, na Posta-Restante, e colhe duas e três cartas... Ninguém o nota, ninguém o segue... Mas uma tarde, ao receber a correspondência, deixa cair uma carta... Alvarez del Haro, o grande jornalista e escritor espanhol, agora ministro da República nossa vizinha na América do Sul, entra, nessa ocasião, na Posta-Restante e levanta a carta que o outro deixara cair... A curiosidade leva-o a abri-la... Fica pálido! Está provado — aquela carta revela-o nitidamente... — que a Rússia preparou e ampara a revolta de Marrocos. O que deve fazer um bom espanhol? Ah! Mas Alvarez del Haro é comunista... Sabe-se que êle parte para a Rússia intempestivamente, sem avisar os amigos, quasi sem avisar a família de que vai partir... Mas semanas depois, Ab-del-Krim é submetido...

Casos políticos, com êste ou outro propósito, deram-se durante a Guerra. Em Barcelona, por exemplo, recebiam-se por essa ocasião cartas da Alemanha, vindas por um processo difficilimo, que eram depois enviadas para a Posta-Restante de Paris. A quem se destinavam? Sabem-no alguns agentes francezes de espionagem, muitos ainda vivos, que fizeram prisões sensacionalissimas quando as descobriram...

(Continua na pag. 12)

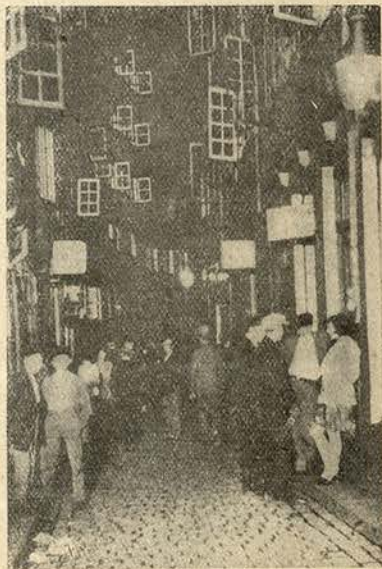
Bairros de mistério, crime e miséria

N.º 11 — "China-Town" de Londres

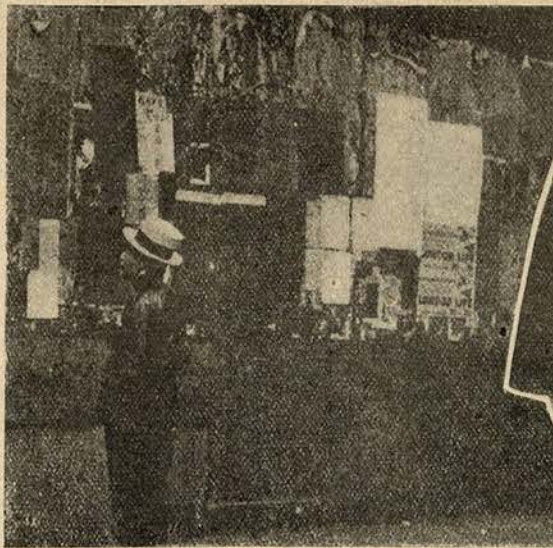
O que é o bairro chinês... fóra da China — Um "menú" agcirento — O mistério do balcão — As duas seitas — A exportação de mortos.

... A fachada destoava do casario vizinho como uma máscara carnavalesca da multidão vulgar de todos os dias. À direita, uma loja de bugigangas; à esquerda, um negociante de *batons* para *maquillage*, cuja *vitrine* se confundiria com uma exposição de chocolates. Ao centro um *placard* rôxo rabiscado a amarelo com caracteres chineses perpendiculares e amarelo entre dragões elásticos, da côr do fogo. Ao lado do *placard* uma porta tão estreita que parecia destinada apenas para gigantes esqueléticos... Afixado na ombreira dessa porta estava um *menú*; e cravejado no *menú* uma lâmpada também amarela.

Domingo — em Londres, no Inverno... e com nevoeiro. Na *City* arrastavam-se os papás e as mamãs e meninos ou os *firlts* pelintres que não tinham feito *week-end* e para quem esse feriado semanal não oferece outro *gôzo* do que o do cinema. Os teatros fechados. Os *restaurants* e *cabarets* desertos. António Ferro, do *Noticias*, fóra jantar com um amigo; Adelino Mendes, do *Século*, partira em excursão para Oxford. Sôzinho, nostálgico de sol, perdido na maior capital da Europa, tomara um *taxi* em Piccadilly na intenção de repetir o *raid* a Whitechapel. O *chauffeur* não concordara com a minha pronúncia inglesa, e castigara-me levando-me a outro extremo



Uma rua do «Bairro Caravela» em Hamburgo



Um aspecto de «China-Town», o bairro chinês, de Londres, e à direita Sun-Hang, o chefe da seita dos «Blues»



da cidade, a um pequeno *square* plebeu a que se poderia chamar a «porta da caixa do citado Whitechapel», debruçado sôbre o Tamisa, em que a neblina desfraldava a sua bandeira de tarlatana. E logo na primeira ruela, deparara-se-me aquele *restaurant* excêntrico. Era a entrada para «China-Town». Seis e três quartos, hora do jantar. Porque não havia eu de experimentar a culinária chinesa? Entrei...

Um longo corredor desembocando numa rotunda em que as portas eram quadros excêntricos e os quadros portas. Um *chasseur* de olhos quasi fechados, como um sonâmbulo, ciceronou-me, conduzindo-me à sala. Meia dúzia de mesas, quasi todas ocupadas já. A côr facial dos clientes masculinos não variava, eram todos amarelos. Os únicos brancos eram... elas, as mulheres. Na própria creadagem existia apenas uma representação europeia, a creada loira, indiscutivelmente londrina, que me veio servir, apresentando-me a carta... em chinês. Como eu me sorrisse, ela sorriu também, e voltando-me a cartolina impressa apresentou-me a tradução... em inglês, que chinês continuava a ser para mim. «Quere que eu escolha?» — indagou-me. — Os meus fregueses ficam sempre satisfeitos com o meu critério. Para começar, a sôpa de massa *nankin*... Vai ver, gosta! Não... ovos negros não lhe aconselho... E demasiado nacional, este prato, a-pesar-de ser o mais caro da lista. O cozinheiro gasta dúzias de ovos para escolher um simples par. É que não basta estarem podres: é necessário que tenham criado o que *êles* chamam a *môscã* — um bichinho negro que corresponde ao bicho do *Gruyère*... Mas pode mandar vir, sem receio, esta salada de «reiva» (?), feita com legumes importados directamente e nacos de toucinho e miudezas de carneiro, picadas. A seguir, *ninhos de andorinha*. Ah! Já esperava essa caretã! Não se assiste, é apenas um *calembour* da tradução. Ninhos, são *ovas*; andorinha é a pescada. Ovas de pescada com molho tártaro, autêntico.»

Senti pesar sôbre mim a curiosidade daquela gente — uma curiosidade chinesa —, feita com olhares relanceados, fugidios e ligeiramente trocistas através de um vago sorriso que nos lábios dos amarelos é como que uma caretã estática. Entrara nesse momento na sala um jovem chinês, bem trajado. O dono da casa abeirou-se-lhe e, sem trocarem uma palavra, abriu-lhe o balcão. Como foi que, não havendo nenhuma porta dentro do semi-

-círculo desenhado pelo balcão, esse jovem chinês desapareceu no rápido seguindo em que pestanejei por causa do fumo do cigarro? E não encontrara ainda explicação para este mistério — quando nova surpresa me pasmou. O semi-círculo do balcão estava vazio; pestanejei de novo pelo mesmo motivo; e ao abrir os olhos surgem-me, substituindo o jovem chinês, um chinês caduco, outro de meia idade e duas loiras europeias. Os amarelos vinham-no de facto, e duma amarelidão de casca de laranja; as brancas vinham cinzentas. Esta policromia, agravada pelo enigma do ilusionismo humano e pelas reminiscências cinematográficas — levaram-me a uma espontânea conclusão: naquela casa devia existir uma *fumerie* de ópio... Fantasias... Soube-o depois... Havia de facto uma porta atrás do balcão — porta que eu não podia ver do local onde me sentara; e essa porta conduzia pacatamente... a gabinetes particulares, como qualquer *restaurant* da Rua do Mundo em Lisboa, ou de Sampaio Bruno, no Porto...

Trazem-me o jantar. A sopa — Jesus! — era uma massa que recordava tripas de galinha num caldo sem sal nem gordura. A creada sorriu-se — e ensinou-me a temperá-la à chinesa. Sôbre a toalha e ao lado do galheteiro pousava um frasco géneo aos da loção para cabelo, de barbeiro. Era preciso sacudi-lo para que sôbre a sopa gotejasse a gordura e o sal... Essas gotas misturadas com o caldo davam-lhe um sabor de água de Carabaña! A salada deitava um fartum agonizante! As ovas — idem. Em suma: fiquei em jejum. O único proveito que tirei dos 5 *shillings* gastos no *restaurant* chinês foi o ter encontrado o equilibrista espanhol Inácio Loreto — velha amizade do tempo em que frequentava, em Barcelona, os bastidores dos circos. Inácio Loreto pertencia agora a uma *troupe-chino-europeia* que trabalhava avulso pelos «music-halls». Realizara uma longa *tournee* pelo continente asiático, conhecia todo o litoral da China, e dos seus amores com uma «flôr de lotus» nascera a sua nova organização artística. Vivvia mesmo em «China-Town» nas temporadas que estava em Londres... Ofereceu-se para me ciceronar pelo bairro. Saimos juntos...

(Continua na pag. 14)



Um rosto de mulher exprimindo o máximo terror

Reportagem emocionante às trágicas coincidências nocturnas da capital, pelo

REPORTER X

Os acontecimentos mais graves ou ressonantes chispam sempre, como o alfinete vermelho numa fálha, da fricção de pequenos nadas... É um lugar-comum — mas até a própria sabedoria de Salomão se tornou, há muito, num lugar-comum também... Napoleão, se tivesse conseguido, como tentou, que a Turquia o assalariasse como instrutor das tropas muçulmanas, não teria merecido a chefia da campanha de Itália — que foi o primeiro voo de água da sua epopeia. Que poderoso dinamismo lançou nessa apoteose? Um simples leque, cinco varetas de marfim ligadas pelas remiges de seda, com o qual uma bela espanhola, Carmen de la Lonja, atirou disfarçadamente por uma janela fóra a resposta afirmativa que o sultão dava às propostas do jovem general Bonaparte. Leon Turell empenhara-se junto do embaixador da Turquia; mas aos caprichos sensuais de Carmen não convinha que Napoleão se ausentasse de Paris; e graças ao seu leque — Napoleão foi Napoleão! A Grande Guerra, esse dilúvio de sangue, teve início mais frágil ainda. Se foi o atentado de Serajevo a ponta de cigarro que incendiou a Europa — o atentado de Serajevo nasceu de um fósforo. Na véspera, um estudante sérvio, Aleixo Perrovitch, encontrou o seu colega Diano à saída de casa. Como nenhum tivesse fósforos para acender o cachimbo — subiram ambos a casa de Diano; e este, procurando os fósforos, abriu uma gaveta e encontrou uma pistola que julgava perdida. A polícia austríaca, meses antes, arrebanhara todas as armas de fogo;

e a inesperada aparição daquela pistola fizera faiscar simultaneamente, nos dois espíritos, uma ideia exaltadamente patriótica. Na tarde seguinte Diano e Aleixo assassinavam os gran-duques de Austria — e pouco depois desencadeava-se a Grande Guerra, filha legítima... daquele fósforo que ambos buscavam para acender os seus cachimbos... Dizem que Colombo descobriu a América por causa de um rato que distraía o piloto e o levava a desobedecer às ordens do almirante: que Napoleão perdeu Waterloo e com Waterloo o Império — porque o hospedeiro lhe forneceu vinho licoroso e trepador em vez de refresco que ele pedira; que Marconi descobriu a T. S. F. por ter atirado uma pedra a um lago de Roma e tê-la visto desenhar sucessivos círculos na epiderme das águas, círculos estes que só se extinguíram na margem oposta e que é todo o segredo da radiotelegrafia; que D. Carlos e o Príncipe Luiz Filipe perderam a vida, naquela trágica tarde de 1 de Fevereiro de 1908, porque João Franco, súbitamente atacado por uma ligeira cólica, se desviara do cortejo real; e que esse precalço insignificante produziu tão profundamente as metamorfoses na História de Portugal porque os regicidas, que apenas haviam conjurado matar o primeiro ministro, ao vê-lo partir, resolveram, numa súbita e espontânea decisão, queimar os cartuchos para ele guardados, contra o monarca e o herdeiro; que os milhões incontáveis de Rothschild brotaram dum simples gesto seu — o de apanhar do passeio um alfinete caído — quando, pobre, de saltos cambados e desiludido da vida, fôra pedir em vão trabalho a um banqueiro, banqueiro que traduziu este gesto por um diagnóstico espiritual maravilhoso, chamando-o depois de o despedir e ajudando-o até ao extremo de dilatar a riqueza do seu protegido a proporções infinitamente superiores à da sua fortuna. Que admira, pois, que uma reportagem, por muito sensacional que seja, nasça de uma simples estampilha de 40 centavos?...

OS MISTÉRIOS DA «MEIA NOITE»

Foi pouco depois da minha última viagem a Londres... Após um dia exaustivo reentrei no lar acalentando, com burguezíssima volúpia, o sonho de uma noite passada em roupão e pantufas. Mas a necessidade urgente de selar uma carta descastelou-me os pacatos projectos de serão familiar. Inverno. Chovia. Não encontrei taxi Detesto os «eléctricos». Desci a Avenida amaldiçoando os correios e entrando inutilmente em todas as tabacarias à busca de um selo. Eram 22 horas e 15 minutos — garantidos pelo relógio da *gare* do Rossio — quando ouvi, junto ao «Suíço», um *olé* castiço e senti que me enlaçavam o braço. Era um amigo — e esse amigo possuía um selo de 40 centavos. Não quis aceitar-me o dinheiro — exigindo-me em troca uns minutos de cavaco. Entrámos no «Gêlo». Adeus roupão! Adeus pantufas! Maldita estampilha!

Esse amigo é irmão de um dos maiores poetas

LISBOA às 23 horas e 32 minutos

portugueses — da geração de Feijó; dum poeta que, como Feijó, cantou, no exílio voluntário, a melancolia da pátria. Com uma diferença: Feijó edificou a sua torre com as brumas escandinavas; este cromó — litografou-a até à morte com as cores berrantes que só a paleta do ópio inspira. Adivinhem, se quiserem, quem era o poeta cujo irmão me forneceu, naquela noite, uma estampilha de 40 centavos.

A sua palestra era um relampaguear constante de surpresas, faiscando, por vezes, insinuações que zig-zagueavam no meu espírito como jactos luminosos de uma loucura que me assustava. Assustava-me e seduzia-me, deixando-me num estado de paradoxal hipnose em que só o pensamento agia, numa acção quase acrobática, e em que o corpo, extático, sonâmbulo, se fatigava... E tanto assim que fui perdendo a noção das horas... Súbito, numa das suas cabriolas mentais em que interrompia uma dedução magnética para criticar novo raciocínio, perguntou-me:

— Você, que tem a sensibilidade l'gada ao cérebro, já sabe, pela certa, qual é o maior segredo de Lisboa?

E como aparvalhasse a expressão ante tão imperante afirmativa, proseguiu:

— Sim, homem de Deus! Não se faça de novas! É a terceira vez que venho à capital (você sabe que vivo sempre no Porto e foi lá que nos conhecemos) e logo na primeira estadia, na primeira noite senti esse mistério, e transparente-o depois,



Foi assim que eu descobri o segredo das 23 h. e 32 m.

tornando-o, no reflexo sobre mim, diáfano como o cristal!

— Mas... que mistério é esse?

— Lisboa às 23 horas e 32 minutos!

Havia um espelho à minha frente. Surpreendi nesse espelho a minha própria expressão — e a custo contive um sorriso. Comparei-me aos papagaios, quando escutam uma voz inédita e inclinam a cabeça, com um olho fechado e outro aberto. E ele continuou:

— A força secreta da *meia-noite*, as coincidências de fenómenos aparentemente sobrenaturais, todo o friso tenebroso de ruídos, aparições, dramas, maus pensamentos, crimes, tragédias, almas, fantasmas, bruxedos, fakirismos, feitiçarias que atribuam a essa última hora do dia, ou antes, da noite, de paredes-meias com o dia seguinte, ou seja com a madrugada; todos os mistérios que rodam, em dança sinistra, nessa estreita fronteira do tempo da *meia-noite* não significam lenda, história de velhas, temor ingénuo de aldeões, *escroquerie* espiritual dos exploradores da incredulidade alheia. Discutir esses factos, na sua essência, levar-nos-ia à basófia ridícula de uma controvérsia sobre a criação e todos os enigmas do Além. Não discutiremos, portanto, os fenómenos — mas apenas a *meia-noite*. A *meia-noite* existe; é a hora suprema desses fenómenos, a hora, ou antes, o minuto — porque dura apenas um minuto, o tempo indispensável para o ponteiro decair sobre o primeiro traço que se segue aos algarismos romanos do relógio (e ele desenhou no mármore da mesa um X e dois I) — em que forças desconhecidas se exteriorizam, se manifestam e conseguem um efémero contacto conosco, homens que nos julgamos vivos...

— Mas... se não me equivoco — interrompi eu —, o assunto que focámos não era a *meia-noite* mas sim as 23 horas e 32 minutos!

Ouviu-me, crispando o rosto num esgar quase aflitivo. Dir-se-ia que lhe tinham feito doer. Por fim, esgaseando os olhos, enclavinando as mãos na minha lapela e inclinando-se para a frente, como quem confidencia um segredo, cochichou-me: — «Alí está a chave de tudo! A sua miopia, que não o deixou ver a relação entre uma coisa e outra, é a mesma de toda a gente — e daí o que se passa de incompreensível (para si, para todos) com as 23 horas e 32 minutos de Lisboa!»

AS REVELAÇÕES DE FREI AUGUSTO DE JESUS

Novas caretas, palavras mastigadas e amordaçadas pelos lábios — e por fim a revelação:

— Partimos ou não do princípio que a *meia-noite* existe, e quando digo *meia-noite* englobo todos os factos que se lhe atribuem através dos séculos? Aceitando esse princípio, defrontamos com um atrito ou uma série de atritos no que se refere a Lisboa. Ignoro as razões (embora tenha a intuição dessas razões: a *meia-noite* é a fronteira entre o ritmo da vida, é a máxima hora da noite e das trevas) porque é a *meia-noite* a hora escolhida pelas forças invisíveis e desconhecidas para se manifestarem, para comunicarem com as outras forças. Mas se estas forças são as supremas forças do Além elas não podem balouçar ao sabor das nossas forças e das nossas razões.

Portanto, o que é *meia-noite* para certas terras não é *meia-noite* para outras.

Desde que o factor trevas intervém, as forças aceitam-no. Pode produzir-se determinado fenómeno em Berlim, à *meia-noite*, quando em Tokio são 8 horas, e esse fenómeno repetir-se em Tokio à *meia-noite*, quando em Roma são 11 horas. Mas desde que a metodização e a mecânica do tempo coincidiram com o momento escolhido pelas forças ignoradas para elas se exteriorizarem ao alcance dos nossos sentidos, elas não mudam pelo facto de nos mudarmos. Além disso e dentro das diferenças do meridiano, temos de aceitar a existência de uma hora e de um ponto determinado, estando os outros pontos em redor sujeitos a diferença de hora ou de minutos, conseqüente... Portanto Lisboa nunca teve a sua *meia-noite* à *meia-noite* em ponto — visto que, dentro da sua zona de sobrenatural, só possui uma *meia-noite* verdadeira a cidade de Paris. Estudei dezenas de fenómenos parisienses da *meia-noite* — e todos eles, através dos séculos, se deram pontualmente à *meia-noite*. Fácil é de concluir que o nome *meia-noite*, ou seja a *meia-noite* lisboeta, foi sempre à *meia-noite* menos *dôze*. Podia citar dezenas de episódios, mas basta evocar um, bem conhecido. Nunca leu os «Himeneus de Balzur», do franciscano português Frei Augusto de Jesus? Hoje chamar-se-ia a essa pitoresca obra uma reunião de reportagens. É uma série de capítulos em que o autor relata bruxedos não comprovados pela Inquisição — que ele, aliás não respeitava muito — mas espírios pelo próprio autor. Não é um fanático, um obcecado, e tanto assim que esteve em risco de ter as cinzas do seu corpo junto às cinzas dos judeus queimados em auto-de-fé. Devemos acreditar-lo. Ele apenas constata — não critica. De quinze fenómenos que regista — treze deram-se antes da *meia-noite*. E logo no primeiro conta o seguinte: «Sendo ele filho de uns burgueses do século XVIII, a família possuía casa própria para as bandas do Bairro Alto. Ao lado habitava uma família de cristãos-novos — e a vizinhança sussurrava que eles, no segredo da intimidade, continuavam a respeitar o ritual judaico. Frei Augusto de Jesus, apenas por curiosidade, aproveitou uma convalescença passada na residência paterna para espírios os vizinhos; e o que notou foi que, todas as noites e a horas de estarem recolhidos, um gemido doloroso rasgava o silêncio, algo como o apelo quase agónico de um martirizado. Observou mais ainda. Que pela bandeira da janela que dava para o mesmo saguão, a determinada hora e após os gemidos, surgia um rosto de mulher que parecia ocultar-se dos lábios para baixo, circunvagando angustiosamente a vista, como se buscasse alguém. Espírito forte, Frei Augusto pensou que se tratava de uma mistificação dos vizinhos, com objectivos que ele explica no livro. Uma noite provocou, com um ardil — um falso alarme —, que todos abandonassem a casa; e nessa noite, como nas outras, o gemido agónico rasgou o silêncio e o rosto de mulher tornou a espreitar à mesma janela. De investigação em investigação, apurou que naquela mesma casa, 53 anos antes, pela cubúcia de uma herança, uns parentes tinham assassinado uma criança. A mãe, ao saber o sucedido, perdera a razão e pouco depois a vida; e desde essa morte, o gemido e a aparição repeliem-se sem a lacuna de uma só noite. Mas o que interessa registar é que Frei Augusto, notando em todos os fenómenos contidos na sua obra que eles se dão pouco antes

da *meia-noite*, neste detalha os minutos e diz — à *meia-noite* menos *dez*. Enganou-se numa insignificância. Não devia ser à *meia-noite* menos *dez* mas sim menos *dôze*!

O ARAUTO DE ALÉM

«Mas, você não ignora, houve mudança de horas, mudança de meridiano, e até, durante a guerra e após ela, os governos resolveram modificar internacionalmente a hora. Deste jôgo em que essas modificações da guerra nada influíram — a nossa *meia-noite*, posso garantir-lho através dos cálculos que fiz e das experiências que comprovei, ficou nas 23 horas e 32 minutos. É este o supremo segredo de Lisboa. Lisboa, aquela que cre na *meia-noite*, espera, à *meia-noite*, os fenómenos da *meia-noite*; desorienta-se, perde-se, deixa passar sem *controle* os verdadeiros fenómenos, porque ignora que eles se dão agora às 23 horas e 32 minutos.



Abandamos os dois a uma mesa do «Café Gêlo»

«Recorda-se você do célebre caso da *costureira* que pedilava todas as noites e que emocionou Lisboa inteira durante meses? Vivía eu na capital, nessa época, e fartei-me de rir do que se disse e do que se escreveu; ri-me dos que acreditavam, dos que negavam, dos que tentavam explicar o fenómeno — e até dos que se iam dêle! Existe, em todas as cidades, o que Maryan Silver chama o «lamento da *meia-noite*». A máquina da *costureira* e o ruído rítmico que se registou eram apenas o *lamento inevitável da meia-noite de todas as cidades*. Existia antes de o notarem e continuou a dar-se depois de o julgarem extinto. A *meia-noite* tem os seus arautos, as suas trombetas, os seus *coups de Molière*: anuncia-se. E foi precisamente por eu estar de ouvido à escuta e me aperceber desse arauto que rectifiquei que a *meia-noite* de Lisboa é às 23 e 32! Experimente... Procure estar sozinho numa casa — porque a solidão aguçará a nossa sensibilidade e destroi atritos entre ela e o Além; procure um local em que a barulheira material da cidade não afaste o «lamento»; e às 23 horas e 32 minutos escutará, garanto-lhe,

(Conclue na pag. 12)

Um aventureiro internacional

NESTA luta que teve o seu início no nosso número passado e que hoje tem a sua *reprise*, o juiz, aquele que dará o troféu ao vencedor, é um juiz de facto, juiz da honrada magistratura portuguesa a quem um dos contendores — o sr. Emilio Personne — entregou a decisão suprema do pleito. Mas se ele pudesse supor que, ao contrário do que espera, esse juiz, norteado por uma imparcialidade inabalável, há-de dar razão a quem a merece e nunca ao contendor traíçoero que se vangloria, a torto e a direito, de peitar aqueles que têm a seu cargo a melindrosa missão de fazer justiça, talvez não se tivesse precipitado movendo um processo a quem tem processo legítimo de esmagá-lo com a Verdade. É que este senhor Personne, que foi agora veranejar para a Ericeira deixando os seus empregados a braços com dificuldades financeiras; este cidadão sueco, que bem espremido, em vez de dar óleo de fígados nutritivos, apenas escorre ódios e rancores; este cavalheiro de porte duvidoso, que leva por «clubs» e «cabarets» uma vida de esbanjamentos superfúos, enquanto regateia a quem o serve os sobres mais insignificantes, absolutamente confiado na venalidade da justiça portuguesa — que proclama aos quatro ventos —, ainda acalenta a esperança de que, na hora própria, nós não apresentaremos no Tribunal da Boa-Flora um cortejo luzido de testemunhas e um maço bem pesado de documentos que provem por forma iniludível até que ponto chega a sua incomensurável falta de escrúpulos. Para essa ocasião, para essa hora justificada guardamos nós as melhores surpresas — a prova indubitável de que nem todos os que nesta terra aturamos as suas insolências somos cobardes ou trapaceiros como ele.

Após a primeira sessão de luta, isto é, depois de arremessado à voracidade da opinião pública o nosso artigo do número transacto, ecoaram os aplausos do público, como nas salas de espectáculo as palmas da assistência. Esses aplausos manifestaram-se por escrito. Não faltaram palavras de incitamento. Houve na nossa banca de trabalho uma verdadeira inundação de papel de carta escrito em apertada letra, contando-nos proezas do sr. Personne. Nós já sabíamos que o director da «Electrolux», L.da, gozava de uma bem triste celebridade, mas não calculávamos que essa celebridade alcançasse as proporções da fama de um Al Capone ou de um Jack Diamond. Não há cidadão português que dê não se queixe, não há pessoa humilde, trabalhadora, que não se recorde de ter sido espoliada por ele. Por aquela casa comercial já passou certamente meia Lisboa, e dessa meia Lisboa dois terços, pelo menos, experimentaram as delícias da generosidade daquele avantajado cavalheiro — avantajado no corpo e avantajado nas «malas-artes» com que se governa à custa do sofrimento dos seus empregados.

Se houver, porventura, nesta capital quem ainda não tivesse tido a infelicidade de conhecer o sr. Emilio Oscar Personne, nós fazemos o sacrificio de apresentá-lo em breves linhas. É uma pessoa aparentemente afável, aquela afabilidade untuosa e postíca dos charlatães que impingem, numa algaraviada de palhaço, pastilhas miraculosas, em plena praça pública. Fala e escreve correntemente o português, mas por espreiteza, por — passe o termo — *gagice*, afecta ter menos conhecimentos da nossa lingua para acentuar bem que não é português, pois, em sua opinião, os portugueses têm uma admiração e um respeito quasi supersticioso pelos estrangeiros. O patife explora o cavalheirismo e a hospitalidade excessiva dos portugueses, tomando-os à conta de subserviência. Com promessas nunca cumpridas, palavrinhas doces e charutos velhos que anda a escolher pelas tabacarias para ofertar, como maravilha, aos papalvos, vai engodando os que caem na asneira de o escutar.

Ai tendes o homem desenhado tão fielmente quanto possível.

Prometêramos no número passado dois golpes asfixiantes e não queremos, como é habito do sr. Personne, faltar à nossa promessa. Um desses golpes era, como devem estar lembrados, os cheques sem cobertura, em que ele é useiro e vezeiro; o outro, o emprêgo abusivo de estrangeiros, no momento em que a lei o proíbe e a crise de trabalho em Portugal tantas vítimas produz. Ora, o cheque sem cobertura é hoje considerado um crime de falsificação. Aquele que manda receber a um Banco dinheiro que lá não tem, sujeita-se a ir parar à cadeia e a responder num processo-crime. Pois o sr. Personne serve-se muitas vezes desse expediente para pagar aos seus empregados. É e quasi sempre aos sábados à tarde que ele lhes passa os cheques dessa natureza. É valor que em nada aproveita a quem o recebe, porque durante o domingo o não pode negociar e ainda porque à segunda-feira verifica que não há fundos em depósito para o trocar por moeda corrente.

Das aventuras dos cheques sem cobertura a mais típica, a que mais flagrantemente foca o carácter de Emilio Personne é a do pagamento ao seu senhorio da Rua Mousinho da Silveira. A renda da sua casa é, salvo erro, de dois mil e quinhentos escudos. Combinou-se que seria paga nos primeiros quatro ou cinco dias de cada mês, comprometendo-se Emilio Personne a depositá-la, dentro desse prazo, no Banco do senhorio. Escusado seria dizer que o senhor Personne, logo nos primeiros meses, faltou à sua promessa. O senhorio, porém, que é o conhecido comerciante António Maria Correia, morador na Rua do Arco do Cego, 47 e estabelecido com drogaria na Rua do Grilo, tendo feito para o seu negócio uma compra avultada e calculando que Emilio Personne depositara a importância que lhe devia, passou sobre o seu Banco um cheque de determinada quantia. Passou pelo desgosto de ser avisado de que o seu cheque não tinha cobertura. Porque? Porque Emilio Personne faltara ao pagamento da renda. Se não fôsse o crédito de que aquele comerciante gozava no seu Banco, o senhorio ter-se-ia visto envolvido em embaraços graves por ter confiado no seu famoso inquilino.



Emilio Personne surpreendido na Rua Braamcamp pela nossa objectiva

Segunda «reprise» da luta — Personne pensa que a Justiça portuguesa é venal — Charutos velhos para engodar papalvos. — Algumas histórias de cheques sem cobertura — Um ex-empregado que conta uma proeza — Muito «espírito-lux»

Mas não ficaram por aqui as proezas do ilustre Personne em relação ao seu senhorio. No mês de Março mandou pagar a renda com um cheque sem cobertura. Mas, para evitar más surpresas, Personne, que tem a faculdade de se enganar quando lhe convém, errou o nome do senhorio, para que o Banco se limitasse a dizer que o cheque não estava em fôrma. Entretanto, este troca-tintas, muito prático em tranquiérbrias deste género, desaparecia por alguns dias, conseguindo assim ganhar o tempo que lhe permitisse arranjar o dinheiro e depositá-lo.

Outro qualquer que se metesse em tais aventuras já teria ido parar à cadeia. O sr. Emilio Personne, porém, dir-se-ia gozar ou de uma sorte extraordinária ou de uma protecção especial. Por isso ainda anda à solta e goza a vida comodamente, estando agora a veranejar na Ericeira, onde, se não lhe conhecerem a crónica a tempo, decerto não deixará de praticar alguma daquelas proezas de que é tão fértil a sua imaginação.

Para testemunhar o que afirmamos sobre cheques a descoberto, poderíamos publicar uma longa lista de nomes. Basta-nos, porém, citar os senhores Nunes de Carvalho, Rua de S. Nicolau, 112; Laurent Trouillous, Travessa da Portuguesa, e António Maria Correia, o seu senhorio.

Das várias cartas que recebemos sobre as proezas deste senhor Personne, que a Justiça, em devido tempo, por uma questão de higiene social, há-de mandar conduzir à fronteira, vamos transcrever alguns períodos da que nos dirigiu o sr. Henrique Rosa da Silva Gomes, já algumas vezes citado neste jornal, que nos explica a história divertida dos célebres dois contos que Personne resolveu depositar, sem licença, nas suas próprias mãos.

«Em 1926 — escreve o sr. Gomes —, ou seja há cincoanos, estava noivo. Nessa ocasião, meu sogro, mais tarde falecido, veio a Lisboa trocar impressões a meu respeito com o sr. Personne, combinando ambos ajudarem-me. O sr. Personne, na qualidade de director e padrinho de casamento, faltou como sempre ao que tinha prometido, e nem um centavo me deu. No entanto, ele recebia de meu sogro, enviado da Figueira da Foz, um cheque de dois mil escudos para me ser entregue juntamente com mais algum dinheiro oferecido pelo sr. Personne. Decorridas umas semanas, o meu sogro escreve-me uma carta perguntando-me se tinha recebido o dinheiro e que desculpasse ser pouco mas, junto com o do sr. Personne, conforme tinha combinado, já chegava para as primeiras impressões, etc.»

«Bastante indignado, fui imediatamente pedir os dois mil escudos ao senhor Personne, que me respondeu *nada ter recebido*. Mas, ao mostrar-lhe a carta de meu sogro, desculpou-se conforme pôde e com o seu costumado sorriso disse-me que tinha ordem do meu sogro para me pagar aos poucos, o que vim a saber ser falso. Como era empregado da casa, limitei-me a receber esse dinheiro, por vezes com empenhos ou como esmola, conforme o senhor Personne muito bem quis.»

Eis o que o sr. Henrique Rosa da Silva Gomes espontaneamente nos declara, confirmando por forma esmagadora o que já havíamos revelado em números transactos do nosso semanário.

E por hoje basta. Deixemos para outra vez a questão dos empregados estrangeiros. O sr. Personne não perde pela demora. Ele bem sabe que nós somos seu amigo e temos muito *espírito lux*, como costuma dizer na sua astuciosa algaraviada estrangeira.

MÁRIO DOMINGUES

O HOMEM QUE PERDEU A MAIOR FORTUNA DO MUNDO



cobriam aquelas grandes planícies. E John Sutter, feliz, e com a fortuna feita, mandou buscar, à Suíça, a esposa, para que compartilhasse da abundância e fortuna que ele juntara por suas próprias mãos.

Uma tarde — em Janeiro de 1848 —, John Sutter, tranqüilamente sentado à porta da sua casa, viu chegar, em desabalada carreira, o seu «sheriff», James Marshall.

— Depressa, um balde de água — exclamou este, antes mesmo de saltar do cavalo.

John Sutter, espantado, mandou vir o balde pedido.

— Agora, dê-me uma balança — acrescentou Marshall.

A balança veio também. James Marshall tirou, então, do bolso um lenço no qual estavam cuidadosamente embrulhadas umas 50 gramas de pedras amareladas.

— Desconfio que isto seja ouro — tornou Marshall —; mas o pessoal, junto do rio, chamou-me idiota.

Ouro! Era ouro, de facto; o primeiro ouro extraído daquela ubérrima Califórnia. A descoberta ia dar origem à fabulosa riqueza daquele Estado, e provocar o influxo de centenas de milhares de homens, que haviam de afluír, em seguida, àquela região.

Na casa de Sutter, ninguém dormiu naquela noite. De manhã, com os seus homens, John construiu um pequeno açude no rio e explorou as areias, achando ouro em grande quantidade.

Sutter reuniu, então, numa conferência, todos os colonos; contou-lhes o que se descobrira, e todos concordaram, sob juramento, em manter absoluto segredo.

Como era possível, porém, guardar segredo sobre coisa de tal monta?

Pouco tempo depois, uma das mulheres da colónia mostrou uma pedra de ouro a um viajante, que se hospedara em sua casa. De boca em boca foi correndo a notícia, e, em breve, a colónia era invadida por legiões nu-

meras de aventureiros, que à noite iam extrair ouro, junto do rio. Em cada dia o número deles aumentava. Eram soldados, que desertavam dos regimentos; marinheiros, que abandonavam os navios; e até os próprios trabalhadores da colónia abandonaram os campos e os patrões.

Em poucas semanas, a colónia fora invadida por mais de 50.000 aventureiros.

A vertigem do ouro provocou a anarquia na colónia. Não havia respeito por pessoas e por bens. As plantações foram abandonadas, o gado roubado, destruído todo o trabalho de 10 anos de luta. De um dia para o outro, mendigos tornavam-se milionários. E como a exploração das areias se ia localizando cada vez mais para o norte, em breve a colónia fora abandonada.

John Sutter, arruinado e cheio de desgosto, abandonou também a região e partiu para o este do país. S. Francisco esqueceu-se de John Sutter. Este é que nunca se esqueceu de S. Francisco.

Correram os anos. A pequenina aldeia de pescadores transformou-se numa grande cidade, moderna, atraente, com uma população sempre crescente, variada e rica.

Um dia, em 1854, a cidade foi sacudida, violentamente, com a notícia do mais sensacional processo que a História regista. John Sutter voltara à Califórnia e intentara uma acção contra o Estado, pedindo uma indemnização de 25 milhões de dólares, por danos e perdas de propriedades destruídas. Contra a cidade de S. Francisco, em particular, John Sutter requeria a reintegração de posse de toda a zona ocupada, agora, pela cidade, e mais os lucros cessantes, representados pelo valor locativo e a renda de todos os imóveis situados no perímetro da cidade! E requeria ainda mandado de despejo contra 17.221 pequenos proprietários, que se tinham estabelecido no território, que lhe pertencia, em torno de S. Francisco.

Quando foi conhecida a sentença judicial, que dava razão a John Sutter, houve uma verdadeira revolução. Realizaram-se *meetings* e demonstrações de desagrado contra as Côrtes. Mas os tribunais americanos mantiveram a sentença, que foi proferida pelo juiz Thompson, no dia 15 de Março de 1855.

Então foi o fim do mundo! Nessa noite, 10.000 homens directamente prejudicados, e a ralé, que se junta sempre a esses movimentos, atacaram o palácio do governo, deitaram fogo ao tribunal, e por pouco não lincharam o juiz Thompson. Um dos filhos de Sutter foi assassinado pela multidão; o outro suicidou-se, para não cair vivo nas mãos da canalha; e a casa de Sutter foi saqueada e incendiada.

Reduzido à mais completa miséria, sem família, aniquilado fisicamente e moralmente, partiu Sutter para Washington, com uma ideia fixa: obter justiça!

Sem que as ilusões de John Sutter se dissipassem, rolaram os anos. O «General» — assim começou a ser, então, conhecido — passou a ser uma figura certa nos tribunais da capital. Não houve advogado em Washington que não conhecesse a triste figura daquele pobre velho, de cabeça inteiramente branca, cujos direitos à maior riqueza

(Continua na pag. 14)

SEMPRE metido numa sobrecasaca puída do uso e da limpeza; alquebrado e triste; revelando, em certas horas, um estoicismo raro nos olhos miudos e azues, «o General» foi, durante vinte e cinco anos, uma figura certa nos corredores do Supremo Tribunal de Washington.

Ainda existem frequentadores e funcionários, autores, réus, juizes, advogados, embora de idade avançada, que se lembram da confiança enorme, ilimitada, com que ele esperava a decisão de uma causa «que valia bilhões de dólares e que, uma vez ganha, o tornaria no homem mais rico do mundo.»

Fantasia ou loucura pareceu, de começo, aos ouvintes aquela história de dólares, de um homem de que ninguém conhecia o nome, e a quem tinham posto a alcunha de «General», porque, em tudo, o tipo do extraordinário pretendente correspondia ao padrão do general reformado. Alguém houve, porém, que conseguiu apurar a existência do processo e a veracidade das afirmações do «General». E o interesse de todos começou a manifestar-se, inquietante, doentio. A causa do velho passou a ser a causa de toda aquela gente que deambulava pelos corredores do tribunal, pedindo justiça ou furtando-se aos seus rigores.

Era a vertigem do ouro, a alucinação da riqueza que tomava de assalto os espíritos, que alastrava pouco a pouco, obscuro, horrível, como uma chaga em corpo deapuerado. Ninguém tinha dúvidas; todos confiavam, inteiramente, naquela decisão justa e viam o «General» sobre uma montanha de dólares, dominando o mundo como se fora um Deus...

Em fins de 1838, o suíço John Sutter desembarcou, de uma escuna inglesa, numa pequenina aldeia de pescadores, na Califórnia, aldeia que serviu de alicerce à grande cidade de S. Francisco, e que, então, fazia parte da província mexicana.

A fertilidade do solo e a doçura do clima, que lhe recordavam a Suíça, sua pátria, encantaram o aventureiro, que em breve se apresentou ao governador da província, general Alvarado, na sua capital, em Monte-Rey, obtendo, por uma quantia insignificante, a doação de 11 milhas quadradas do território, e fundando a colónia de Nova-Helvétia.

Volvidos dois anos, já a colónia contava muitas centenas de homens, e entrara em franca prosperidade. John Sutter intitulára-se, e era de facto, o chefe absoluto da região. Construiu-se um forte, para defesa contra os continuos ataques dos índios. A região estava coberta de magníficos vinhedos, cujos bacelos tinham sido importados de França. De Nova York fora uma máquina a vapor, em um carro puxado por 60 bois, através 2.000 léguas de regiões desertas. Vastos rebanhos



Uma rua de S. Francisco no principio de século

Mistérios da Posta-Restante

(Continuação da pag. 6)

A quadrilha das cartas amarelas esteve no Porto!

Há aproximadamente vinte anos, a Posta-Restante do Porto foi a janela misteriosa onde se debruçou uma quadrilha de gatunos austríacos que só por acaso não chegou a roubar as mais importantes casas desta cidade, como era seu propósito, como era seu plano...

O caso foi-nos apontado pelo nosso ilustre camarada Ernesto de Balmaceda, que o colheu de um polícia já aposentado. Há aproximadamente vinte anos, três austríacos chegaram à cidade da Torre dos Clérigos, e hospedaram-se no antigo Hotel Internacional, à Rua do Almada. Uma semana depois, e ora um ora outro, em cada dia, apareciam na Posta-Restante. Tinham sempre correspondências. Umaz cartas amarelas, sempre iguais, sempre da mesma côr. Sabia-se, também, que a horas entradas na noite, os três austríacos passeavam pelo centro da cidade, parando diante de certas grandes casas comerciais... Entretanto, diariamente, um dêles vai sempre receber uma carta amarela à Posta-Restante. E o Acaso entra agora em acção: Na Posta-Restante, por ordem de serviço, está uma rapariga, filha de um polícia. Tantas vezes, tantos dias vê na sua frente o austríaco que vem buscar a correspondência, mas que nem sempre é o mesmo, que uma noite, ao jantar, conta ao pai aquele caso que ela supõe misterioso. O pai concorda. Trata-se, efectivamente, de um caso misterioso, pelo menos na aparência... E, mais inquieto com o assunto do que a filha, trata de investigar voluntariamente, por conta própria. Logo que sabe que os austríacos estão hospedados no Hotel Internacional, aluga um quarto contíguo àquele que êles ocupam... Três dias depois, entra em poder de toda a meada... As cartas que os austríacos recebem vêm de diversas cidades da Europa e são-lhes enviadas por diversos companheiros... Estes, em breve chegarão... Na primeira noite que passarem no Porto, devem operar sem perda de tempo... E uma carta fecha assim: «Oxalá sejamos tão bem sucedidos como há um ano, em Bucarest...» Os olhos do polícia rasgam-se de desmedida alegria. Finalmente, descobriu! Em Bucarest — e êle recorda-o perfeitamente, pela leitura dos jornais dêsse tempo — dera-se um misterioso

assalto à cidade pela «quadrilha das cartas amarelas», tendo sido vinte casas assaltadas, sem que fôsse possível capturar os ladrões! Sim. Uns e outros são membros da mesma quadrilha que ameaça o Porto. A prisão dos três austríacos precisa ser efectuada imediatamente... Mas o polícia lembra-se de esperar, sempre álferta, a chegada dos restantes gatunos. Seria o triunfo máximo da sua vida profissional se conseguisse prender tão célebre quadrilha... Entretanto, conta o seu segrêdo a êste, àquele, mais àquele... E uma manhã, sabe, com espanto e desolação, que os três austríacos, a guarda avançada da «quadrilha das cartas amarelas», desapareceram misteriosamente, sem deixar rastro... Se êle não «tivesse dado com a língua nos dentes...» Mas resta-lhe uma alegria. Afugentou uma temerosa alcateia!... Tem nas suas mãos o gráfico das casas que deveriam ser assaltadas pelos célebres gatunos, entre as quais figuravam a Ourivesaria Reis e os Montes Hermínios — aqueles armazens que existiram onde está a Caixa Geral de Depósitos. E êsse bom polícia, gozando hoje de uma merecida reforma, pede-nos que não lhe revelemos o nome, para evitar uma celebridade que não o contentaria...

O pântano das cidades...

Casos sem fim e sem conta, que consumiriam resmas e resmas de papel, têm passado pelas Postas-Restantes de Portugal. Uma vez por outra, lá aparece na Posta-Restante de uma cidade de província uma carta cheia de palavras ingénuas e humildes, que usa só dêsse meio para não se revelar... Mas no Porto, mas em Lisboa, mas em todos os grandes centros, as Postas-Restantes são covis de perigosas armadilhas... Através delas fazem-se as mais vergonhosas tentativas de negócios criminosos e infames. Negócios de casamento, de adultérios e de estupro... Negócios de alcaloides, de compra de segredos ministeriais e de venda de carne branca... Entrar numa Posta-Restante, auscultá-la, estudar-lhe o movimento e as sombras paradas, os que chegam e e os que vão, é ver um estranho subterrâneo, o mais negro subterrâneo da cidade, onde cada carta, a mais das vezes, representa uma vida a chafurdar num pântano.

LISBOA às 23,32 minutos

(Continuação da pag. 9)

algo que vem do espaço, que o menor descuido pode amalgamar, tornando-o num gemido ou num ronco, mas que é um rosário de sons monossilábicos e muitas vezes formam palavras ao alcance da nossa compreensão. O anúncio é igual para toda a Humanidade, à mesma hora, desde que se esteja no momento das mais densas trevas (e isso depende não só da hora mas também da situação geográfica); mas dentro de nós existe um tradutor insuspeitado que nos esclarece, se conseguirmos o contacto, não digo já espiritual, mas material — visto que é auditivo —, com o arauto.

OS FACTOS

«A costureira que pedalava não é um fenómeno de Lisboa para uma demonstração da meia-noite. Folheei jornais, reúna reminiscências, esteja doravante atento ao que ouve, lê e vê. Dramas, crimes, catástrofes, coincidências trágicas, todos os folhetins nocturnos de Lisboa têm uma hora — 23 e 32! Comecei a registar êsses factos em 1922 — quando o *Sud* descarrilou no túnel da Avenida — às 23 e 32. Recordar-se do suicídio de B... — aquela *papillon de cabaret* que morreu de amores e de vício? Estava presente: eram 23 e 32. Sabe a que horas Sidónio Pais foi assassinado na *gare* do Rossio? A's 23 e 32! Contaram-lhe alguma vez que no Campo Pequeno, no antigo palacete dos Távoras, êsses mártires do ódio de D. José I, existe um quadro em que surgem duas mãos decepadas e ensangüentadas? Fui eu e Horácio Gameiro quem primeiro demos pelo fenómeno — em 1923. Falava-se em aparições numa casa; Horácio conseguiu, a pedido meu, que nos deixassem visitá-la de noite. Fômos — e súbito, como se a tela se iluminasse por transparência, vimos desenharem-se as duas mãos trágicas. Consulte o relógio: — eram 23 horas e 32 minutos. Quasi todos os homens em destaque que morrem em Lisboa e que não atingem a depressão fatal das 3 ou 4 da manhã expiram antes da meia noite — às 23 e 32. Apontei já dezenas de nomes: general Gomes da Costa, dr. António José de Almeida, dr. Manuel de Arriaga, Guerra Junqueiro... E até nos detalhes insignificantes. Estou em Lisboa há dois meses — e nesses dois meses deram-se oito incêndios às... 23 e 32 minutos. Um último exemplo, para não o fatigar...»

Calou-se. Estava lívido; a sua expressão fixamente pasmada ganhava uma crispação de terror extático; o suor — estávamos em Fevereiro — orvalhava-lhe a pele morena. Os lábios e os dedos tremiam-lhe. Fitava-me como se quisesse hipnotizar-me. Hesitou; olhou em redor; tornou a segurar-me pela lapela como se temesse uma fuga ou como se premeditasse agredir-me; e curvando-se segredou-me duas palavras apenas. Senti que as faces se me gelavam — sintoma de palidez brusca.

— Lembra-se? — disse-me em voz alta. — Também foi às 23 e 32... Respiriei fundo, agitei-me, procurando libertar-me da pressão moral em que me encontrava. Os meus olhos, esquivando-se ao fluido dos do meu companheiro, foram pousar no relógio do «café». Ergui-me — pulando quasi. *Eram 23 e 32!*

Cá fóra, sobrepondo-se ao *brouhaha* do Rossio, vibrava agora a vozearia dos grandes acontecimentos. Espreitei a praça através dos vidros da porta. Correrias, gritos, alarmes... Já lá vão seis meses — e há seis meses que eu premedito, sem me decidir, fazer a *prise-de-vue* jornalística desta reportagem que uma estampilha de 40 centavos provocou. Um mal estar agoirote me amedrontava e me impedia de a realizar. Resolvi-me hoje... Terminei-a no mesmo «café», na mesma mesa onde, há seis meses, ouvi as revelações que acabo de projectar no *ecran* do papel, sem um exagêro literário, sem um retoque técnico, sem uma fantasia. Tenho à minha frente o recorte do «Século» da manhã seguinte à palestra: *Lisboa-nocturna — Cena de tíros — Uma morte e dois feridos — Ontem, perto da meia-noite, deu-se, frente ao Café Sulço, uma grave desordem de que resultaram, etc.* Os senhores devem-se recordar da tragédia... REPORTER X

DETECTIVE X

Todos os dias afluem à nossa administração pedidos de assinatura para o *Detective X*. De todos os cantos do país e mesmo do estrangeiro o entusiasmo pela próxima publicação, que deve surgir no Outono, é enorme.

E' que o *Detective X* vai ser o primeiro semanário de assuntos policiais que se publicará em Portugal. Todos os segredos de tribunais, prisões e degrêdos serão desvendados por êsse

aqueles que por actos criminosos lesaram a sociedade serão descritos minuciosamente pelo *Detective X*, com todos os pormenores, com todos os seus martírios e horrores.

O *Detective X* já é o semanário mais popular do país, dada a enorme ansiedade com que o grande público o aguarda.

Agentes da polícia, investigadores particulares, magistrados ilustres nos têm

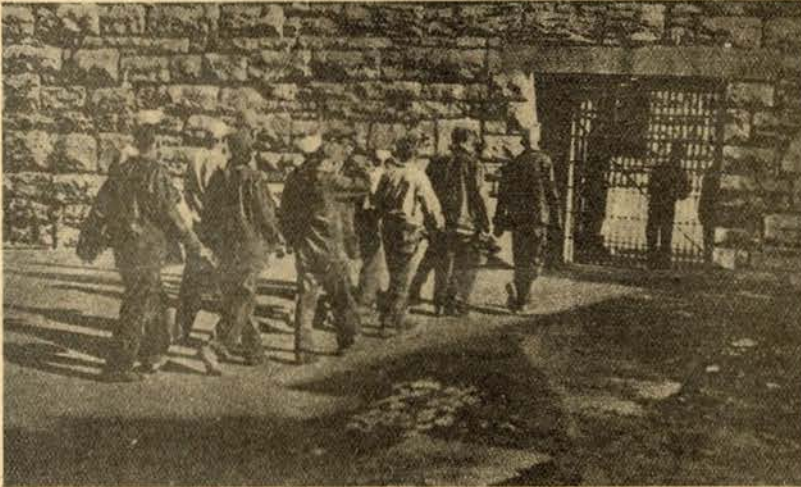
O segrêdo da popularidade de Al Capone

(Continuação da pag. 5)

onde se bebe todos os alcoois do anoitecer até nascer o dia. Êsse «cabaret» pertence a Al Capone e é onde êle despacha parte do seu contrabando.

Um dia, um artista português, que toda Lisboa conhece e aplaudiu, foi contratado para trabalhar nêsse «cabaret». Teve um êxito invulgar — e Al Capone quis conhecê-lo.

E' êsse português quem vai elucidar o «Reporter X» sôbre a verdadeira vida do «Rei do Crime», do «Amo e Senhor» da cidade de Chicago. A partir do próximo número, o nosso semanário começará a publicar esta sensacional reportagem, cuja escrupulosa veracidade nos mínimos detalhes será contraprovada pela *fac-simile* de documentos irrefutáveis.



Desfile de condenados franceses no degrêdo

grande semanário de reportagens policiais. As grandes aventuras criminais da Europa, da América e da Ásia serão focadas pelo *Detective X*. Não haverá mistério, nem enigma, nem crime que o *Detective X*, servido por sagazes repórteres que serão um pouco detectives de apurado faro, investigadores de rara argúcia, não descubra, não arranque das trevas para a luz da publicidade.

Os mistérios, os segredos e os dramas da Guyana e tantos lugares inhóspitos para onde a Justiça desterra

escrito, incitando-nos a não desistirmos de tão útil publicação. O *Detective X* vai contribuir para melhorar a sociedade portuguesa, ensinando-a a defender-se do crime.

A leitura do *Detective X* tornar-se-á para o grande público uma necessidade tão instantânea como o comer ou o respirar.

O semanário *Detective X* vem por isso preencher uma lacuna. Portugal vai possuir um género de jornalismo activo, emotivo, que o fará rivalizar com publicações similares estrangeiras.

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias.

Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESEMBOLADA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

Bairros de mistério, crime e miséria

(Continuação da pag. 7)

— «Conheço quasi todos os «Chinas-Towns» do mundo — e não têm segredos para mim graças ao facto da minha companheira ser da mesma raça... — começou por dizer-me Inácio Loreto ao iniciarmos o nosso *raid*. — O maior é o de S. Francisco da Califórnia. Ocupa um diâmetro igual ao de muitas cidades provincianas do meu país... e do seu. O âmago do bairro constitue ainda um segredo para a própria policia, que está convencida que os amarelos cavaram um novo bairro em galerias subterrâneas, onde abrigam perto de 50.000 pessoas — ou seja metade da população que vive... sobre o bairro. O de New-York é inferior ao de S. Francisco (25.000 almas, apenas) mas o de Chicago, sendo o menor da América, é o mais tenebroso. Em todos os negócios sangrentos e atentados dessa inquieta cidade compartilham os chinas do «China-Town» de Chicago... O maior da Europa é este... Forma, como vê, uma espécie de tabuleiro quadrilado de ruas estreitas; mas à medida que se aproxima do Tamisa ganha nova forma geométrica, emaranha-se em ruelas labirinticas e — dizem, eu nunca vi — possui também uma vasta organização subterrânea.»

Encontrámo-nos agora no que Inácio chamava a fronteira entre o «China-Town» visível e o invisível. O casario recordava folhões europeus que se tivessem mascarado de chineses. A sua architectura era mestiça, meio asiática, meio londrina. Abundavam os prédios de tejo e os barracões de madeira, cujos telhados recordavam vagamente os pagodes de Pekim. Lojucas de bugingangas, *bars*, tabernas por todos os cantos, assim como na parte exterior rara era a porta que não desse para uma lavanderia e engomadaria. Os chinas são os lavadeiros e engomadeiros quasi exclusivos dos 9 milhões de londrinos. Dizia-me a este respeito o meu amigo acrobata:

— «É este o único negócio honesto dos chinas de «China Town»; mas não impede que esses próprios que se dedicam a estes trabalhos não colaborem na acção sinistra do bairro. O bairro chinês de Londres tem só 10.000 almas — e por isso se dividem apenas em duas associações secretas: a dos *azues* e a dos *roxos*. Cada uma tem um chefe supremo, e os seus acólitos obedecem-lhe cegamente — mesmo que se trate de matar. Em troca têm a protecção da sua seita em todos os casos em que estejam ameaçados. Calcule V. a força que representam essas sociedades! Durante anos a policia teve a prova de que um terço de todos os delitos sangrentos de Londres eram

praticados pelos membros de uma ou de outra seita.»

Era estranho o movimento das ruelas que atravessámos. O movimento e o silêncio. Cruzavam-se centenas de chinas, isolados, cabisbaixos, curvados, silenciosos, num passinho miúdo, os braços cruzados e as mãos ocultas nas mangas... Europeus — raros. Europeias — muitas. As inglesas apaixonam-se facilmente pelos amarelos e suportam-lhes tiranias que já mais consentiriam a um marido ocidental. Ao alcançarmos o cais, à beira do Tamisa, sou surpreendido por uma agitação mais intensa e impressionante do que no interior do bairro. Dezenas de archotes fumarentos ardião empunhados por operários amarelos e tingindo a atmosfera enevoada com uma cor cancerosa. Dois *camions* despejavam caixotes pitorescos, rectangulares, decorados de rabiscos e dragões. Um pequeno guindaste, como um paquiderme de ferro, transportava-os para bordo dum navio acostado à muralha.

— «Sabe você o que contêm esses caixotes? Não se canse que não adivinha. São cadáveres. Sim, homem de Deus! Estou a fazer um carregamento de mortos para a China. É um dos grandes negócios dos chefes das seitas. O único terror do amarelo ao emigrar para o estrangeiro é o de não ser enterrado, quando morrer, em solo pátrio — porque, segundo a sua crença, eles não conseguem a paz eterna se não repousassem em terra chinesa. Para os sossegar esses chefes, mal ães desembarcam, fecham um contrato pelo qual se comprometem a levá-los, depois de mortos, para os cemitérios da China, em troca de uma pensão que eles pagam... enquanto vivem!...»

Foi esta a minha última visão de «China Town» de Londres: dezenas de archotes vomitando fumo e empapando a noite com a tinta roxa da sua luz e os caixões a cairem no tombadilho do barco como se se tratasse de exportação de frutos ou de tecidos...

R. X.

O homem que perdeu a maior fortuna do mundo

(Continuação da pag. 6)

do mundo tinham sido reconhecidos e confirmados por vários tribunais do país.

Quando, em 17 de Julho de 1887, tombou, morto por um colapso cardíaco, nas escadarias de mármore do palácio do Congresso, ainda trazia, na mão, a escritura de compra daquelas propriedades que em troca do poderio e da felicidade só lhe tinham acarretado sofrimentos e miséria — propriedades que representavam, legalmente, um valor fabuloso e que, por ironia do destino, não tinham, na prática, valor algum.

O demónio do ouro!
Sem êle, como seria possível a história de John Sutter e de tantos outros desgraçados-felizes — a história do mundo, afinal...
L. N.

AZEITE
SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEFONE 4697 — PORTO

A B C-ZINHO

É o jornal mais querido das crianças

Sai às segundas-feiras

Vende-se em todas as boas tabacarias

Reporter X

Compram-se na Administração deste semanário os números 1, 5 e 7, que se encontram esgotados

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registro

Sempre sortes grandes!!!

Metais

Ferramentas

Rua do Loureiro, 86-92
TELEFONE 434 — PORTO



GOMES DA SILVA, L. DA
ESPECIALISTAS

Balanças

Artigos para a Industria